

GRUPOS INDÍGENAS, QUILOMBOLAS E CIGANOS - A (IN)VISIBILIDADE DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO ESTADO DE GOIÁS

INDIGENOUS GROUPS, QUILOMBOLAS AND GYPSIES - THE (IN) VISIBILITY OF PEOPLE AND TRADITIONAL COMMUNITIES IN THE STATE OF GOIÁS

Amanda Fernandes Pereira¹
Marcos Flávio Portela Veras²

Resumo

Neste artigo damos visibilidade aos povos e comunidades tradicionais do Estado de Goiás tendo em vista o contexto de invisibilidade histórica provocada pelas intervenções de projetos políticos e econômicos de “desenvolvimento”. Uma questão básica norteou a pesquisa: quais e quantos são, onde estão e quais os maiores desafios enfrentados por essas populações no Estado de Goiás? Dentre os quais, optamos pelos três segmentos com uma visibilidade mais significativa em virtude de suas articulações e repercussões em políticas públicas. Para identificar os indígenas, quilombolas e ciganos do referido estado brasileiro utilizamos pesquisas documentais em censos oficiais estaduais, entrevistas com agentes sociais que atuam com tais grupos, bem como publicações disponíveis em periódicos indexados, repositórios institucionais e livros. As restrições sanitárias em virtude da pandemia do covid19 nos impediu de fazer contato com tais grupos e realizar observações in loco. Foi possível perceber que essas populações têm uma presença tímida no território deste Estado, o que se manifesta na dificuldade de obter informações sobre eles. Isso está associado a um processo histórico de avanço do capital que pressiona esses grupos provocando a invisibilidade e conseqüentemente dificuldades nas lutas por garantia de direitos legais.

Palavras-Chave: Povos e comunidades tradicionais; Estado de Goiás; Invisibilidade; Visibilidade.

1. Introdução

O Brasil é um país que abriga uma grande diversidade cultural, não só pela sua história de múltiplas influências, onde se destacam as matrizes africana, indígena e europeia, como diriam Freyre (2013) e Holanda (1995), grandes estudiosos da formação história desta nação, mas pela existência de inúmeros grupos étnicos mesmo antes da colonização. Por guardarem conhecimentos e uma ligação histórica com povos bem antigos, tem se convencido denominá-los de povos ou comunidades tradicionais.

Esses povos ou comunidades se diferenciam por suas heterogeneidades. Segundo Almeida (2013), a heterogeneidade aponta para diferenciações sociais, econômicas e religiosas entre esses povos e/ou comunidades, embora eles estejam em alguma medida unidos por critérios políticos ou organizativos e por modalidades diferenciadas de uso comum dos recursos naturais. Eles se agrupam em povos indígenas, quilombolas, ciganos, pomeranos, afro-religiosos, ribeirinhos,

¹ Graduanda em Psicologia. Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA, Brasil. E-mail: amandinha-fernandes@hotmail.com

² Doutor em Antropologia Social. Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA, Brasil. E-mail: marcos.veras@unievangelica.edu.br

quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, pescadores artesanais, caiçaras, castanheiros e povos dos faxinais, dos gerais e dos fundos de pasto, dentre outros.

Pode-se asseverar que o termo “comunidade”, em sintonia com a ideia de “povos tradicionais”, está sendo, portanto, construído a partir destes dissensos sucessivos, que aparentemente não cessam de existir. O “tradicional” como operativo e como reivindicação do presente ganhou força no discurso oficial, enquanto o termo “populações”, denotando certo agastamento, tem sido substituído por “comunidades”, as quais aparecem revestidas de uma dinâmica de mobilização, aproximando-se por este viés da categoria “povos” (ALMEIDA, 2013).

As diversas formas de mobilização política de grupos que reivindicam os direitos garantidos por lei, sobretudo em torno de categorias de identificação e territórios tradicionalmente habitados têm sido temas de amplos debates hoje no Brasil. Ao mesmo tempo em que os grupos se articulam politicamente por meio de movimentos indígenas, quilombolas e ciganos (só para citar alguns que tem representatividade no Estado de Goiás) que reivindicam a garantia de direitos assegurados na Constituição de 1988, outros grupos pressionam o Estado alegando extensas áreas – consideradas tradicionais e em processo de demarcação – sem uso que deveriam estar sendo usados para atividades produtivas, outros interessados na preservação total de tais áreas com a criação de Unidades de Conservação, além de grupos interessados em agenciar os grupos que habitam estes territórios. Esse cenário de disputas e tensões tem resultado em diversos conflitos fomentando a necessidade de maiores discussões sobre a temática e o estudo de situações empíricas da ocorrência de tais situações.

No Brasil estes conflitos têm ocorrido em várias áreas e as situações mais recorrentes dizem respeito a grupos que tendo vivido por vários anos em alguns locais, começam a se sentir ameaçados por programas de gestão territorial governamentais, ação de madeireiros, seringueiros, entre outros agentes sociais que impõe algumas restrições quanto ao uso do seu território. Tais grupos, que estão interagindo há algum tempo com outros grupos da região, acabam necessitando se articular politicamente e aprendendo a usar os códigos legais para se acomodar a tais intervenções.

A presente pesquisa pode ser extremamente útil para elucidar o quantitativo de povos tradicionais no Estado de Goiás, quais as autodenominações eles utilizam e quais seus principais desafios de reprodução social. Ou seja, como os grupos tem se organizado para subsistirem diante das novas configurações sociais que se apresentam diante deles e como isso tem desencadeado processos sociais muito singulares de agenciamentos, de estratégias de sobrevivência e lutas por direitos garantidos.

Na esteira do projeto de pesquisa intitulado “Cultura, (in)visibilidade e transformação social” este plano de trabalho atua no sentido de mensurar o desafio dos povos ou comunidades tradicionais no Estado onde a Universidade Evangélica de Goiás está inserida, fomentado pesquisas científicas e ações extensionistas com vistas a promoção da dignidade humana.

2. Objetivo

- Identificar quantas e quais são as populações tradicionais existentes no Estado de Goiás;
- Entender os principais desafios de sobrevivência destes povos ou comunidades tradicionais;
- Fomentar projetos de pesquisa científica e ações extensionistas.

3. Método

Para a finalidade desta pesquisa foi utilizado a abordagem dos métodos mistos, que é uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Seu uso combinado proporciona uma maior compreensão dos problemas de pesquisa (CRESWELL, 2010). A estratégia é a partir dos métodos mistos, utilizar a explanatória sequencial quan/quali, que tem fortes inclinações quantitativas. Ela se caracteriza pela coleta de dados quantitativos e sua análise num primeiro momento, seguidas de coletas e análise de dados qualitativos, e a combinação dos dados ocorre quando os resultados quantitativos iniciais conduzem a coleta de dados qualitativos secundária.

Enquanto abordagem, optamos pela qualitativa, uma vez que responde a questões muito particulares, sendo aquela que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2012).

Este projeto de pesquisa vinculada ao Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA dentro das atividades acadêmicas do Programa UniMISSÕES da Reitoria sob coordenação do Prof. Dr. Marcos Flávio Portela Veras, está em conformidade com o CAEE: 36670520.9.0000.5076, número do parecer: 4.518.216.

4. Resultados

Obtivemos informações e dados suficientes para que se possamos analisar quantos e quais são esses povos e comunidades tradicionais no Estado de Goiás, bem como a forma de organização política para reivindicar seus direitos. Trouxe o processo de invisibilidade social

enfrentada pelos povos e comunidades tradicionais (PCTs) que há séculos sofrem com a exclusão social e das políticas públicas. Foi localizadas partes desses povos no Estado de Goiás, sendo eles com maior visibilidade os povos Indígenas, Quilombolas, Ciganos e de Terreiros. Os povos Ciganos só foram possíveis à efetuação da pesquisa após contato e relato de alguns ciganos. Foi possível então identificar e dar visibilidade aos desafios dos povos ou comunidades tradicionais no Estado de Goiás onde a Universidade Evangélica de Goiás está posta.

Os povos indígenas somam um total de 8.583 pessoas de três grupos étnicos, a saber, Avá-Canoeiro, Karajá e Tapuio, habitando os municípios de Aruanã, Minaçu, Rubiataba, Colinas do Sul e Nova América. Os quilombolas estão mais dispersos em vários municípios tendo 58 comunidades reconhecidas em fase de reconhecimento, destacando-se os Kalunga que habitam a região da Chapada dos Veadeiros, município de Cavalcante. Somam 5.650 em comunidades, 3.650 em áreas rurais e 2.000 pessoas vivendo em áreas urbanas em todo o Estado. Já os ciganos são de todos os mais dispersos, sendo difícil até identificar por meio dos censos, mas estariam presentes em 37 municípios. Até pesquisadores deste grupo afirmam ser difícil afirmar quantos são em números.

5. Conclusão

Por meio desse conjunto de informações adquiridas, abrir-se-ão caminhos para todo um programa de pesquisas científicas em várias áreas do conhecimento dialogando com os conhecimentos tradicionais e propondo soluções sustentáveis de subsistência. Isso evidentemente pode gerar projetos de extensão nas áreas de saúde, educação, meio ambiente, que visem à transformação social e autonomia desses grupos.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Evangélica de Goiás –UniEVANGÉLICA fontes de financiamento que o projeto recebeu através do PIBIC.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B (Org.). **Conhecimento Tradicional e Biodiversidade**: Normas vigentes e propostas. 3. ed. Manaus: UEA Edições/PNCSA, 2013 [Coleção Documentos de Bolso 4].
- CRESWELL, JOHN W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa**: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626.